BERNARDO SANTARENO

TEATRO

A PROMESSA * O BAILARINO
A EXCOMUNGADA

★

LISBOA
1957

BERNARDO SANTARENO

TEATRO

A PROMESSA * O BAILARINO
A EXCOMUNGADA

★

UCLCM 01507

LISBOA
1957

A PROMESSA

PEÇA EM TRÊS ACTOS
E TRÊS QUADROS

PERSONAGENS

MARIA DO MAR — 23 anos
JOSÉ — 26 anos
LABAREDA — 25 anos
JESUS — 15 anos
SALVADOR — 72 anos
ROSA — 55 anos
1.ª VELHA — 60 anos
2.ª VELHA — 62 anos
3.ª VELHA — 65 anos
PADRE — 68 anos
1.º HOMEM
2.º HOMEM
3.º HOMEM
4.º HOMEM
5.º HOMEM
1.ª MULHER
2.ª MULHER
3.ª MULHER
SARGENTO

Guardas, gente do povo.

PRIMEIRO ACTO

Cozinha em casa de Salvador. Lareira grande, baixa, praticável. Ambiente que resuma os usos e os credos dos pescadores portugueses: não apenas os duma certa região (Nazaré ou Póvoa do Varzim, por exemplo), mas os da costa em geral. É madrugada. Ouve-se, lá fora, um mar bravíssimo e o vento rijo. Ao subir o pano, Salvador, só, em cena, acocorado em cima da lareira, ateia o fogo com uma nova acha, soprando. Semi-obscuridade no resto do compartimento.

CENA I

MARIA DO MAR

(Entra, vinda do quarto onde dorme com José: ainda desgrenhada, o cabelo comprido caído pelas costas, traz numa das mãos uma candeia acesa, erguida ao nível do rosto. Descalça, saia negra muito rodada, blusa vermelha.) Bom dia, pai!

SALVADOR

(Enchendo o cachimbo; veste camisola de grossa lã preta.) Bom dia, rapariga!

MARIA DO MAR

(Que vai pendurar a candeia num prego, para tal existente na coluna da lareira.) Maldito tempo!... *(Agressiva.)* Vossemecê dormiu aí?!

SALVADOR

Levantei-me ainda não eram quatro horas: não podia com o frio...

MARIA DO MAR

(Alisando os cabelos com um pente.) O pior, é a lenha... Muito friorento vossemecê me saiu, pai! Até na cama tem frio...

SALVADOR

(Que fixa o fogo.) Estou velho, rapariga...

MARIA DO MAR

(Troça crispada.) Não é da idade, pai: isso... é do sangue!

SALVADOR

Estou velho... e só.

MARIA DO MAR

(Pára, de súbito, atirando com o pente para cima duma mesa.) Mais vale só, que mal acompanhado!

SALVADOR

(Silêncio; fixando Maria do Mar.) Explica-te, Maria do Mar!...

MARIA DO MAR

(Brusca, atando a saia na cinta.) Ora!... Que tempo mais malvado!...

SALVADOR

Queres tu dizer com isso, que a minha Rosária — Deus a tenha em descanso! — não era boa companheira?...

MARIA DO MAR

(Cantarolando.) Ai, la-ri-ló-lé... Vossemecê não está bom, meu pai? Põe mau sentido em tudo quanto eu digo!...

SALVADOR

Como tu estás mudada, Maria do Mar! *(Silêncio.)* E como tu me tratas!... Tens razão: eu, agora, não passo dum peso morto...

MARIA DO MAR

(Que prepara o café.) Vossemecê está em sua casa, meu pai... *(num rompante)* em sua casa, com o seu filho José e o seu filho Jesus! Aqui, a estrangeira sou eu... *(a bater no peito com ambas as mãos)* eu, eu é que sou a estranha! Não tenha medo, meu pai: está em sua casa, com a sua gente... Não, não pesa a ninguém!

SALVADOR

Mas o pão que eu como, é teu! Eu já não tenho braços... nem pernas... *(Mostra um par de muletas.)* Ai, Maria do Mar, isto é muito triste!...

MARIA DO MAR

(Sempre a trabalhar.) O pão que vossemecê come, é do seu filho José: ele é quem o ganha...

SALVADOR

Dele ou teu, não é o mesmo? Ele não é o teu homem?!

MARIA DO MAR

(A bater com a cafeteira, nervosa.) Meu homem?! *(Riso frenético.)* Deixem-me rir! *(A cantar.)* Ai, la-ri-ló-lé... o meu homem!

SALVADOR

(Com estranheza.) Estás doida, rapariga? Que diabo tens tu?!

MARIA DO MAR

(Angustiada, quase a chorar.) Maldito tempo! *(Vai abrir a janela: claridade do exterior, mar e vento mais*

audíveis.) Ah, mar! Ah, filho dum cão! Que o demónio te beba, malvado! *(Fecha violentamente a janela.)* E há cinco dias que isto dura!... *(Num ímpeto, girando em redor de si mesma.)* Estou farta do mar, entende? Farta, até aqui! *(Indica os cabelos.)* Mar, mar, mar... O mundo não é só o mar, meu pai!

SALVADOR

Para a gente é, Maria do Mar: se tu, rapariga, até no nome lhe pertences!

MARIA DO MAR

É verdade, meu pai: Deus marcou-me! Foi logo desde a nascença... Marcadinha, meu pai, logo marcadinha! *(Mutação rápida.)* Mas então o seu filho hoje não se levanta?! *(À porta do quarto: irritada.)* Zé!... Ah, Zé!... São mais que horas: levanta-te, homem!

SALVADOR

Deixa-o mulher, deixa-o dormir: ele hoje ainda não pode ir ao mar. Talvez amanhã... Talvez o tempo mude hoje, durante o dia...

MARIA DO MAR

Ora, ora, meu pai! Vossemecê cuida que o Zé tem pena, por não se poder fazer ao mar? Bem se importa ele com o mar!

SALVADOR

Não se importa?! Com que se há-de importar um pescador, Maria do Mar? Tu sempre tens coisas...

MARIA DO MAR

(Ruim.) E vossemecê gosta muito do mar, não é assim? Não haja dúvidas que tem razões para isso! Veja o que ele fez das suas pernas... O mar, o mar!...

SALVADOR

(Silêncio. Depois, triste.) Tu, dantes, eras bondosa e alegre. Agora, andas sempre triste... e já não és tão boa: que tens tu, minha filha?!

MARIA DO MAR

Triste, eu?! Ora vejam lá!... Então conhece alguém, na borda de água, mais alegre que a Maria do Mar? Quem há para aí capaz de se rir como eu? Quem, meu pai?! *(Gargalhadas estridentes, nervosas.)* Imaginem, eu, triste! Que razões, sim, que motivos teria eu para andar triste, meu pai? Como e bebo, tenho saúde, durmo bem... Só se fosse mal agradecida a Deus! *(Mutação: inquieta, trocista.)* Vossemecê esquece-se de que o seu filho é agora o sacristão cá da terra? *(Olha o relógio da parede.)* São seis horas... está quase a tocar para a missa. *(Chamando.)* Zé! Levanta-te, Zé! Olha a missa! *(Para Salvador.)* Olhe, pai, disto é que ele gosta: da igreja, dos círios, da opa encarnada e das ladainhas... a isto é que o seu filho quer bem. Bem quer ele saber do mar!... Ora, o mar, o mar!... *(Mutação.)* Cá por mim, tenho-lhe raiva... Maldito mar! Por causa dele é que eu... *(A voz embargada pelo choro.)*

SALVADOR

Cala-te, mulher, não te castigue Deus!

MARIA DO MAR

(Em fúria.) E quer maior castigo? Ainda maior, meu pai?! *(Batendo com ambas as mãos na face.)* Há para aí alguma mais desgraçada do que eu? Maria do Mar... Maria do Diabo, Maria do Diabo é que eu sou! *(Mutação.)* E veja se acaba de fumar, pai: daqui a pouco, ninguém pode respirar nesta casa! *(Tosse. Empurrando a mesa e as cadeiras para o meio da sala.)* Para quê? Para que me hei-de eu esfalfar a arrumar esta

casa? Vem vossemecê e espalha tabaco e cinzas por toda a parte; o Jesus, coitado, tropeça aqui, tropeça acolá... e põe cada coisa para o seu lado; quanto ao Zé, pode bem o esterco chegar-lhe ao nariz, que ele não dá por nada!... Homens, homens, homens! Nesta casa só há homens... *(Está a varrer o chão; pára de repente; depois, expressão trocista.)* Homens?! Ai que ricos! *(Cantarolando.)* Ai, la-ri-ló-lé...

SALVADOR

Ah, Maria do Mar! Olha que eu, muitas vezes, até penso que tu me tens ódio, rapariga!

MARIA DO MAR

(Crispada.) E porquê? Por que razão havia eu de odiá-lo, senhor?!

SALVADOR

Que eu saiba, nunca te fiz mal...

MARIA DO MAR

(Num grito.) Fez!

SALVADOR

Eu?! *(Pausa. Triste.)* Ah, já sei... é por causa da promessa, não é?

MARIA DO MAR

(Arrependida.) Ora, doidices! Vossemecê faz-me dizer coisas sem jeito, meu pai: que culpa tem vossemecê disso, dessa promessa?... *(Ouve-se, mais forte, o vento.)* Ai, que maldito tempo!...

SALVADOR

(Silêncio.) Vai falar com o padre, Maria do Mar: promessas assim, não devem fazer-se. Mas se, num momento de aflição, um pobre mortal as faz... deve mudá-las. Vai ter com o senhor Prior, Maria do Mar! Faz

o que eu te digo, rapariga... Verás como, depois, tudo mudará nesta casa: vocês não são santos!...

MARIA DO MAR

(Desdém e raiva.) É. Ele é. O seu filho quer ser santo!

CENA II

JOSÉ

(Que ouviu a última fala de Maria do Mar. Vem descalço e veste uma camisola branca de lã.) Bom dia, pai!

SALVADOR

Bom dia.

JOSÉ

(Vendo as horas.) São horas...

MARIA DO MAR

Tomas o café?

JOSÉ

Depois da missa: hoje, quero comungar.

MARIA DO MAR

(Irónica, para Salvador.) Está a ver?

JOSÉ

(Calmo, duro.) A ver, o quê, Maria do Mar?

MARIA DO MAR

São cá umas conversas nossas, Zé...

JOSÉ

(Contraído.) Quais conversas?...

SALVADOR

Ela diz que tu exageras, Zé... que não devias tomar tanto a peito a promessa... enfim, que...

MARIA DO MAR

(Violenta.) Cale-se, pai! Bem me importa a mim isso...

SALVADOR

Porque não falas tu com o padre, Zé? Ele muda-te a promessa... verás!...

JOSÉ

Não, pai. Prometi: cumpro.

SALVADOR

(Indicando Maria do Mar.) E ela?...

JOSÉ

Também prometeu. E há-de cumprir.

SALVADOR

Para quê, para que prometeram vocês uma coisa dessas?! Melhor fora que o mar me tivesse engulido a mim, naquela noite medonha! Melhor fora, melhor fora, Zé! Eu já não presto, não sirvo para nada...

JOSÉ

(Para Maria do Mar.) Estás contente? Gostas?...

MARIA DO MAR

(Zombeteira; sempre com nervosismo.) «Salva-os, Senhora, Salva-os! Se eles chegarem vivos e sãos, aqui, de rastos, te prometemos que, como Tu e São José, em castidade nos casaremos!» *(Mutação: dura, ironia fria.)* Foi assim, não foi? Ainda me não esqueci, Zé...

E vossemecê, pai, chegou vivo e são: não houve ninguém, lá na borda de água, que não gritasse: «Milagre! Milagre!...»

SALVADOR

E não foi, Maria do Mar, não foi? Nunca, em mais de sessenta anos de mar, eu vi uma tempestade assim... Que noite mais terrível! Lá ficaram o Toino d'Avó, o Zé Rocha... Não foi milagre?! O meu barco era o mais pequeno, o mais velho... e chegou com todos os homens a salvo... foi o primeiro a entrar na praia! Foi, foi milagre, Maria do Mar. Nem quero que me lembrem aquela noite: as minhas pernas, as minhas pobres pernas...

JOSÉ

Foi, pai, também creio que foi um milagre...

MARIA DO MAR

(Irritação crescente.) Pois não foi, Zé? Olha, para mim, foi um grande milagre, não haja dúvida... Não há nada a discutir... está tudo certo... certíssimo: casámos, já lá vai um ano, e temos cumprido rigorosamente a promessa. Rigorosamente... Não é verdade, Zé? *(Rindo alto: metal riscado.)* E eu hei-de morrer purinha, tal como a minha mãe me botou ao mundo!...

JOSÉ

Cala-te, mulher: tem vergonha!

MARIA DO MAR

Vergonha? Até hoje, ainda não fiz nada de que me possa envergonhar. *(Pausa.)* Até hoje...

JOSÉ

Dá-me a capa de oleado.

MARIA DO MAR

(Entra no quarto de cama e sai, logo depois, com a capa.) Toma lá.

2.ª VELHA

Pela primeira vez florido...

3.ª VELHA

Em útero virgem...

1.ª VELHA

Faremos naquela porta...

2.ª e 3.ª VELHAS

(*Benzendo-se, lentamente.*) O sinal da cruz.

FIM DO TERCEIRO
E ÚLTIMO ACTO